



**ANTÔNIO MENEGHETTI FACULDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MBA BUSINESS INTUITION**

FÁBIO PANCIERA PILECCO

**APLICAÇÃO PRÁTICA DA ONTOPSICOLOGIA NOS PRÓXIMOS
CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO DE ARRIGUI E NOS
CICLOS TÉCNOLÓGICOS DE KONDRATIEFF E SCHUMPETER**

RESTINGA SECA, RS

2019



**ANTÔNIO MENEGHETTI FACULDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MBA BUSINESS INTUITION**

**APLICAÇÃO PRÁTICA DA ONTOPSICOLOGIA NOS PRÓXIMOS
CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO DE ARRIGUI E NOS
CICLOS TÉCNOLÓGICOS DE KONDRATIEFF E SCHUMPETER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado Programa de Pós-Graduação, curso de MBA Identidade Empresarial da Antônio Meneghetti Faculdade, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Dr Rafael Padilha

RESTINGA SECA

2019

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se apresenta como um esforço para a compreensão do funcionamento e das transformações que ocorrem no sistema mundo como um todo. No interior de uma estrutura acadêmica, quais os modelos de pensamento existentes fazem o nexos entre o mundo da teoria e o mundo da prática? O mundo da teoria é uma ficção: é estável, comunicável e controlável. O mundo da prática, por sua vez, é o mundo real: instável, de difícil controle e incomunicável. Com o método ontopsicológico faz-se o *link* entre esses dois mundos diferentes, mas indissociáveis, porque o mundo da prática necessita do mundo da teoria para compreender a si próprio e também para comunicar tanto aquilo que dá certo quanto aquilo que dá errado para aqueles que virão.

No sistema mundo, existe a teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação, que foi cunhada por Giovanni Arrighi, em que se evidenciam as rodadas de acumulação de capital sob a égide de uma hegemonia. Em paralelo, existe a teoria de Kondratieff e Schumpeter, que evidenciam que economias capitalistas são caracterizadas por sucessivos períodos de prosperidade e recessão econômica. A cada recessão econômica surge uma tecnologia inovadora que é a responsável por mais um período de prosperidade. Complementarmente, existe a ciência ontopsicológica de Antonio Meneghetti, em que dada uma determinada situação, encontra-se um só ponto ótimo que a resolve.

Dito isso, chega-se ao seguinte problema de pesquisa: Qual é a *forma mentis* vencedora do empreendedor diante dos ciclos de transformação de uma economia capitalista e das crises periódicas de um mundo economicamente globalizado?

A justificativa para a escolha do tema é motivada pela importância do estudo dos ciclos tecnológicos, da lógica sistêmica de acumulação de capital, das tendências econômicas e tecnológicas, da *forma mentis* vencedora do empreendedor do futuro, com informações que servem como ferramenta de gerenciamento e planejamento estratégico.

O objetivo geral deste trabalho é descrever a *forma mentis* vencedora do empreendedor diante dos ciclos de transformação da economia capitalista e das crises periódicas de um mundo economicamente globalizado.

Os objetivos específicos são: **a)** analisar quando acontece o processo de transição hegemônica e seus impactos no sistema mundo; **b)** estudar quando acontece o processo de transição tecnológica do Kondratieff e Schumpeter e seus impactos no sistema mundo; **c)** entender o comportamento do sistema e prever um cenário futuro com base nas referidas teorias mencionadas; **d)** encontrar a *forma mentis* que dê o máximo de vantagem ao indivíduo empreendedor; **e)** elaborar algumas sugestões para os empresários que desejam ter protagonismo neste cenário futuro.

Desta forma, a metodologia parte de uma pesquisa qualitativa sobre o método de pesquisa bibliográfica para a compreensão das teorias de Kondratieff, Schumpeter e Antonio Meneghetti.

2 OS CICLOS DE HEGEMONIA

2.1 Ciclo Hegemônico Genovês (1492-1618)

Durante esse período de 1492-1618, quatro cidades italianas tinham importante atividade comercial e industrial: Florença, Gênova, Milão e Veneza. Os genoveses detinham o controle do ouro de origem africana, Veneza tinha o controle da prata alemã e das especiarias asiáticas, enquanto a região florentina inventou o aproveitamento das altas finanças (Lobato et al, 2015). Com relação ao aspecto cultural, Florença e Veneza foram, no século XVI, o centro do Alto Renascimento (Arrighi, 1996 apud Ribeiro 2009).

Para Ribeiro (2009), esse ciclo foi marcado por uma fase de expansão material e comercial e, na sua fase final, por uma grande concorrência, fato que gerou guerras na região. Segundo Wanderley (2009), o declínio do comércio e a alta liquidez fez com que os mercadores Genoveses buscassem proteger seu capital, investindo então nos governos territorialistas português e espanhol. Surge assim, um grupo de banqueiros mercantis que dominou as grandes finanças da Europa.

Segundo Arrighi (1996), Gênova se manteve como a Primeira Potência Hegemônica até a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), quando de acordo com Wallerstein (apud Arrighi et al. 2001) ocorreu a primeira guerra de transição hegemônica.

A chamada Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) foi disputada entre Holandeses e Portugueses e teve como um dos seus principais centros de atenção o nordeste brasileiro. A competição entre esses dois países iniciou em 1580 quando a coroa Portuguesa se uniu a coroa Espanhola e assim ficaria até 1640. Para os Holandeses que estavam em guerra com os Espanhóis desde 1568, era mais fácil invadir as colônias dos portugueses do que as Espanholas e assim começou a substituição de uma potência pela outra. Naquele período, a cidade de Recife era a mais importante metrópole das Américas em termos comerciais (Boxer, 2002).

No referido período, o foco dos Europeus foi a América Latina, em especial o Brasil por suas imensas riquezas (Braudel, 1993). Somente após a destruição da economia açucareira é que o Brasil se tornou menos importante que os EUA (Broxer, 2002).

Para James (1996), enquanto na América do Sul São Vicente foi fundada em 1532, Buenos Aires em 1536, Recife em 1537, Santiago do Chile em 1541, Salvador em 1549, Concepcion em 1550 e Rio de Janeiro em 1565, na América do Norte somente em 1607 os ingleses em Jamestown fizeram uma primeira colonização bem sucedida. Depois, os franceses fundaram Quebec em 1608 e posteriormente Plymouth e Nova Amsterdam foram criadas pelos Holandeses em 1620 e 1624 respectivamente. Por isso, no princípio da Guerra dos Trinta Anos, a América do Sul estava mais avançada que a América do Norte.

Para Alves (2005), enquanto a Guerra dos Trinta Anos destruía boa parte da economia monopolista brasileira, os Portugueses penetravam para além da linha do Tratado de Tordesilhas. Com isso, ocuparam-se localizações estratégicas que futuramente formariam as divisas do Brasil. Os Espanhóis que estavam sob pressão na América do Sul pelos Holandeses e também pelos Ingleses e Franceses que ocupavam a América do Norte se concentraram nas regiões do Caribe devido a presença de ouro e no Chile e Argentina para atividades pastoris e mineração.

A dominação Holandesa do mar assegurou a sua presença até 1654, depois do fim da Guerra dos Trinta Anos (Alves, 2005).

2.2 Ciclo Hegemônico Holandês (1618-1805)

De acordo com Wallerstein (apud Arrighi et al, 2001) a Guerra dos Trinta Anos marca a transição hegemônica de Gênova para a Holanda, que se manteve na referida condição até as guerras Napoleônicas quando então o Reino Unido se tornou Hegemônico. Durante o período da hegemonia Genovesa, a América do Norte foi menos relevante do que a América do Sul. No entanto, essa relevância se inverte após a guerra de transição e se mantém assim.

Para Lobato (2015), o capitalismo Holandês se consolidou com o controle de suprimentos pelo mar Báltico, com o arrocho imposto a Espanha e mais adiante com a criação da Bolsa de Amsterdam, que direcionou capital de toda Europa para a Holanda. Além disso, a criação da companhia de navegação VOC (*Verenigde Oost-Indische Compagnie*) também foi importante ao contribuir na expansão de redes comerciais e financeiras para todo o mundo. De acordo com Arrighi (2012), a rota pelo mar Báltico foi a alternativa encontrada, já que a navegação pelo mediterrâneo estava obstruída pelas guerras.

Para Ribeiro (2009), diferentemente dos genoveses, os holandeses se tornaram rentistas muito cedo, ou seja, os capitalistas holandeses conseguiram áreas para expansão da agricultura durante o processo em que se tornaram uma nação soberana. Os italianos, em contraste, só conseguiram investir nesses espaços com o término da expansão mercantil. No aspecto cultural, Amsterdam do século XVII tornou-se o centro da transição do clima Renascentista para o clima do Iluminismo (Arrighi, 1996 apud Ribeiro, 2009).

Neste período, enquanto a América do Norte prosperava produzindo tabaco em Virgínia, açúcar no Caribe, peixes em diversos locais e peles no Canadá para chapéus, a América do Sul com o resultado da guerra e a economia desorganizada não conseguia prosperar e teve o seu desenvolvimento comprometido ao longo da segunda metade do século XVII (Alves, 2005).

Além disso, um propulsor que impulsionou o desenvolvimento do continente americano foi o fluxo de imigrantes europeus. Segundo James (1996, p.27) estima-se que meio milhão de pessoas emigraram para as Américas entre os anos de 1630 e 1700, sendo que dois terços foram para o hemisfério Norte, restando apenas um terço para a América Latina.

A geografia também é um fator que favorece a penetração da região. No território Norte Americano, dois corredores são formados pelos lagos ao norte e pela bacia do Mississipi-Missouri ao Sul. Os rios são perpendiculares à costa marítima e penetram até as montanhas do Apalache. No oeste, existe uma grande planície. Enquanto isso, na América do Sul, ao norte a bacia amazônica é formada por uma selva. No leste, o chamado escudo brasileiro, que se estende da Bahia ao Rio Grande do Sul, é um planalto com a parte mais alta próxima ao oceano atlântico e levemente inclinado em direção ao interior. Isso faz com que os rios corram em direção as bacias do Amazonas e do Paraná, que por sua vez tinha sua foz, em terrenos pantanosos, disputada com os Espanhóis. No sul, Argentina e Uruguai tinham territórios dominados por charcos onde as manadas selvagens de gado eram caçadas para carne e couro e no extremo oeste, os Andes no Chile impediam a penetração no território. Essas características justificam o maior desenvolvimento da região litorânea no continente (Robock, 1975 apud Alves 2005).

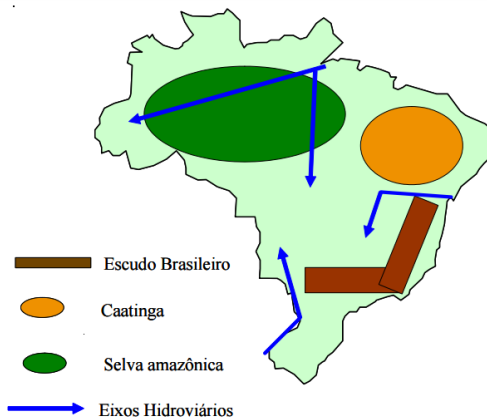


Figura 1: diagrama esquemático da dificuldade de penetração do território Brasileiro (Alves, 2005, p.48)

Para Alves (2005), muitos conflitos neste período impediram o desenvolvimento local e prepararam a população para a independência. As guerras de Independência dos EUA (1775-1783) juntamente com a revolução francesa inspiraram movimentos de independência na América do Sul, mas foi somente em 1807 com a invasão de Napoleão Bonaparte que as Américas começaram a efetivamente se independem. Entre 1808 e 1814 o movimento de independência na América do Sul ganhou força.

Para Lobato (2015), a participação holandesa na guerra de independência americana ensejou uma retaliação dos britânicos que destruíram o poder naval Holandês. Essa derrota acelerou a substituição de Amsterdam por Londres como centro financeiro da economia europeia (Arrighi, 1996 apud Lobato, 2015).

2.3 Ciclo Hegemônico Britânico (1805-1939)

Segundo Wallerstein (apud Arrighi et al, 2001) as guerras Napoleônicas marcaram a transição hegemônica e sob a influência do Reino Unido a América Latina se tornou independente. Em 1809, a Família Real se transferiu para o Brasil ao fugir da ocupação Francesa, iniciando assim um processo que levou a independência do Brasil em 1822. Na Argentina em 1810 o vice-rei foi deposto e a independência aconteceu em 1816. No Chile, ela foi oficialmente proclamada em 1818. No Paraguai em 1811 e no Uruguai em 1828 (Alves, 2005).

Neste período Napoleão queria dominar a Europa. Sob seu comando a França tentou fazer com que não houvesse relação comercial da Europa com os Britânicos. Para isso, precisou invadir a Espanha, onde venceu, e a Rússia, onde perdeu (Alves, 2005).

Neste ciclo hegemônico, o Continente Sul Americano perdeu muito a sua importância após a criação dos Canais de Suez e Panamá em 1869 e 1914 respectivamente, porque ligação da Europa com a bacia Indo-Pacífico se dava através de uma rota marítima que contornava a América do Sul ou a África (Alves, 2005).

Para Robock (1975), o ciclo do café e a força de trabalho do imigrante livre foram os propulsores da industrialização inicial na América do Sul. O fato dela ter ocorrido no sudeste brasileiro fez com que o desenvolvimento fosse mais expressivo naquela região. Investimentos em ferrovias e outros tipos de infraestruturas

financiada pelos barões de café e capital internacional criaram demanda por itens industrializados.

Segundo Lobato (2015), a Inglaterra dominava as altas finanças da Europa e estava numa posição de credora do mercado de ações Holandês. Com isso, a Inglaterra tinha bastante crédito o que favoreceu o aumento dos gastos públicos e o processo de expansão da indústria têxtil e siderúrgica. A agilidade com a qual o capital monetário era convertido em mercadoria contava com o apoio do desenvolvimento dos meios de transporte. Ribeiro (2009) destaca que as duas primeiras revoluções industriais, da mecânica e da eletricidade respectivamente, aconteceram no ciclo hegemônico britânico e representaram novos padrões tecnológicos mundiais para a época.

Entre 1873 e 1896 ocorre uma grande depressão causada pela queda dos preços internacionais o que reduz a taxa de lucro industrial. Essa crise desencorajou investimentos no setor produtivo e criou uma fonte alternativa de investimentos: o financeiro. Depois, até o início da Primeira Guerra Mundial, ocorre uma expressiva redução na concorrência e um aumento na taxa de lucro do setor produtivo. Esse período ficou conhecido como *La belle époque* (Ribeiro, 2009).

Para Wallerstein (apud Arrigui et al, 2001) a próxima transição hegemônica acontece entre 1914 e 1945 com as Guerras Mundiais. Para Lobato (2015), o colapso do padrão ouro vinculado a libra esterlina, marcou em 1931, a crise terminal da dominação britânica sobre o capital do mundo.

2.4 Ciclo Hegemônico Americano (1939-hoje)

Para Ribeiro (2009), no final do ciclo hegemônico britânico, a Inglaterra era detentora de ativos no governo americano. Porém, com a Primeira Guerra Mundial na Europa, esse quadro se inverte, ou seja, os EUA passam a ser credores do governo britânico por terem fornecido suprimentos de guerra como matéria-prima, armas, máquinas, etc. Inúmeros fatores aceleram a expansão americana, dentre eles: grande disponibilidade de terras, investimentos no exterior e parceria financeira com Londres devido as reservas de ouro que os norte americanos detinham.

Para Lobato (2015), além dos fatores acima mencionados, a abundância de recursos naturais e as medidas do governo americano para manter o mercado interno fechado aos produtos estrangeiros, mas aberto ao capital, à mão de obra e à iniciativa do exterior também contribuíram para a consolidação dos EUA como a potência hegemônica.

Para Eiterer (2016), o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial criados pelo tratado de Bretton Woods e a ONU tornaram-se os instrumentos que garantiram os EUA no controle do equilíbrio de ordem mundial.

Na década de 70, ocorre a primeira crise durante a hegemonia Norte Americana e a partir de então mudanças estruturais no capitalismo mundial com as multinacionais buscando novos espaços, locais onde os trabalhadores recebam baixa remuneração e que as legislações ambientais sejam menos restritivas (Eiterer, 2016).

Neste ciclo hegemônico, ocorre a transição do antigo modelo Fordista para o modelo Toyotista de produção, baseado em um imenso aparato tecnológico de microeletrônica e automação (Ribeiro, 2009).

3 OS CICLOS DE KONDRATIEFF E J. SCHUMPETER

Nikolai Dmitrievich Kondratiev (tradução em inglês para Kondratieff) nasceu na província de Kostroma, ao norte de Moscou na Rússia em 04 de março de 1892. Foi tutelado na Universidade de São Petersburgo antes da Revolução Russa de 1917 por Mikhail Tugan-Baranovsky (Sokhakyán,2015).

Kondratieff iniciou sua carreira em *Moscow Agricultural Academy* em 1920 (Narkus 2012 apud Mager 1987, p.24). Em 1926 publicou em Alemão "*Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*" ("*Archive for Social Science and Social Politics*" em inglês). Naquela época ele era Diretor do Instituto de Pesquisa Econômica em Moscow (Nefiodow, 2017).

Sua obra famosa examinou e confirmou em sua publicação a existência de ciclos, em que as economias capitalistas são caracterizadas por sucessivos períodos de prosperidade e recessão econômica. Depois de inspecionarem sua pesquisa pelo viés do comunismo, Kondratieff foi preso e deportado para a Sibéria (Narkus 2012 apud Barnett, 1998, p.189) onde permaneceu por 13 anos e morreu (Narkus, 2012).

Kondratieff era socialista, defensor da teoria de Karl Marx e acreditava que a economia de mercado iria entrar em colapso (Narkus, 2012). No entanto, o resultado de sua pesquisa envolvendo quatro países (EUA, Alemanha, Reino Unido e França) contradisse a visão marxista (Sokhakyán,2015).

Nas décadas de 70 e 80, o método que comprova a teoria de Kondratieff foi revisado na *Science Policy Research Unit (SPRU)* da *University of Sussex (UK)* por Christopher Freeman e Carlota Perez e na *Applied Systems Analysis (IIASA)* em Laxenburg, Austria por Cesare Marchetti. O novo método não se restringe a variáveis macroeconômicas, mas se baseia em tendências tecnológicas, econômicas, sociais e institucionais. Devido a essa expansão, os ciclos de Kondratieff não são somente reconhecidos como ciclos econômicos, mas como uma teoria social (Nefiodow, 2017).

Kondratieff era um macroeconomista que nunca mencionou uma palavra sobre inovações no século XVIII e XIX. Joseph Schumpeter foi o primeiro a destacar a importância das inovações nos ciclos (Nefiodow, 2017). As observações de Kondratieff não receberam grande reconhecimento e não foram traduzidas para outras línguas e publicadas (Narkus, 2012). Somente em 1998 suas obras iniciaram a ser traduzidas por Stephen S. Wilson para a língua inglesa (Sokhakyán, 2015).

Os ciclos de Kondratieff tem duração de 50 anos, mas o início e o final de cada ciclo podem variar de um autor para outro. A tabela abaixo apresenta os dados de alguns autores.

Autores	Primeiro Ciclo de Kondratieff	Segundo Ciclo de Kondratieff	Terceiro Ciclo de Kondratieff	Quarto Ciclo de Kondratieff	Quinto Ciclo de Kondratieff
Narkus (2012)	1789 – 1849	1849 - 1896	1896 - 1945	1945 - 1995	1995 – 2030
Sokhakyán 2015 apud Glaziev	1770 – 1830	1830 - 1880	1880 - 1930	1930 - 1980	1980 - 2030
Alves (2005)	1770 – 1830	1830 - 1880	1880 - 1930	1930 - 1980	1980 - 2030
Allianz (2010)	1770 – 1830	1830 - 1880	1880 - 1930	1930 - 1970	1970 - ????
Nefiodow (2017)	1770 - 1830	1830 - 1880	1880 - 1930	1930 - 1980	1980 - 2000

3.1 Primeiro Ciclo: Mecanização inicial (1770-1830)

A origem deste ciclo iniciou em 1769 quando a máquina a vapor foi inventada por James Watt na Inglaterra (Klooster, 2009, p.36). Essa tecnologia foi a peça chave da revolução industrial do final do século XVIII que transformou lentas e obsoletas indústrias têxteis em fábricas modernas para a época. O trabalho manual foi então substituído por uma produção em massa e as máquinas de tecelagem feitas em madeira, que não eram suficientemente robustas para suportar grande produção, foram substituídas por equipamentos metálicos. Com isso, a indústria metalúrgica também cresceu neste período. A energia do vapor podia ser transmitida por eixos e correias. Com isso, diferentes fábricas começaram a se concentrar e formaram as primeiras áreas industriais, normalmente próxima dos portos, minas de ferro ou minas de carvão. (Narkus, 2012). Surgem também nesse período as primeiras máquinas de perfuração, tornos e fresadoras, compressores, a primeira tecnologia para forjamento de aço (exemplo: acionamentos por rolos), acionamento por bombas para indústria de mineração, etc. (Nefiodow, 2017).

A Inglaterra produzia quase um terço dos produtos manufaturados do mundo em 1830 e trabalhou muito mais duro que seus concorrentes da Europa como França e Espanha (Maddison, 1982, p.37 apud Narkus 2012). A China que era conhecida antes da revolução industrial como o país líder em inovações foi ultrapassado pela Europa no século XIX. Entretanto, crescimento sustentável e prosperidade não foram a única característica do primeiro ciclo. Mudanças climáticas que levaram a colheitas fracas causaram aumento generalizado nos preços dos produtos agrícolas. A compra de produtos agrícolas absorviam quase todas as reservas da população. Quando as condições climáticas não favoreciam, os produtos industrializados não eram comprados por ninguém, a taxa de desemprego crescia e as pessoas perdiam o emprego (Narkus, 2012).

As pessoas começaram a migrar da área rural para a urbana e a população aumentou muito rapidamente. Nas principais cidades industriais (Leeds, Liverpool, Manchester e Birmingham), a população aumentou cerca de 10 vezes em algumas décadas, criando assim uma nova classe social, a dos trabalhadores industriais. Isso criou novas demandas, principalmente de serviços públicos (Nefiodow, 2017). Para Narkus (2012), a população crescente nas cidades precisava de mais produtos alimentícios. Com isso, o relacionamento entre urbanos e rurais se fortaleceu durante a revolução industrial, uma vez que os moradores das cidades e vilarejos não conseguiriam sobreviver sem o trabalho daqueles que viviam em áreas rurais. Isso permitiu a abertura de mais estradas e boas condições nas estradas justificou a criação dos correios e escolas que por sua vez permitiu aos produtores rurais o acesso à educação e a leitura. Assim, os livros impressos e os jornais ficaram extremamente acessíveis e populares e o número de pesquisadores aumentou proporcionalmente (Narkus, 2012).

A fé e o puritanismo conduziram os ingleses a pouparem dinheiro para investimento ou comércio. Com isso, surgiu a Academia de Ciências e posteriormente a medicina, a química, física e outras ciências. Foi nessa época que Lavoisier separou e sintetizou a água, que Newton descreveu o princípio da atração universal, que os físicos Fahrenheit e Celsius determinaram a temperatura, que Linnaeus criou o sistema de classificação de animais e plantas e que Marquis d'Abana testou no rio Siena na França o vapor como propulsor de um barco. Nessa época também surgiram novos tratamentos de higiene, observações clínicas como temperatura dos pacientes, sintomas e doenças do corpo foram registrados e a

vacina e anestesia foram inventadas. Com isso, a expectativa de vida aumentou, a mortalidade infantil reduziu e a população começou a aumentar rapidamente (Narkus, 2012).

Então, sistemas de drenagem foram construídos para aumentar a área agricultável e os fertilizantes químicos aumentaram a produtividade sem a exaustão do solo. A economia de subsistência foi substituída por uma agricultura mais especializada, mas já não havia mais invenções impactantes que poderiam ser propulsoras de novos negócios (Narkus, 2012).

O limite de crescimento do primeiro ciclo de Kondratieff tinha sido atingido. As indústrias criadas nesse período eram pequenas. Quando a demanda saturou no século XIX, surge então uma grande recessão e com isso desemprego e pobreza. A infraestrutura de transporte da época (estradas rurais e sujas, veículos puxados por cavalos, etc.) era muito cara e não viabilizou a expansão para outros mercados (Nefiodow, 2017). A locomotiva, criada por George Stephenson em 1815, precisou de quase 35 anos para ser utilizada publicamente (Narkus, 2012).

3.2 Segundo Ciclo: Vapor e ferrovias (1830-1880)

Embora a locomotiva tenha sido criada durante o primeiro ciclo de Kondratieff, ela é considerada o início do Segundo ciclo. Isso porque foram necessárias duas décadas para construir as vias férreas, túneis e pontes. Em 1850, mais de 9mil km de vias férreas já haviam sido construídas nos EUA (Narkus 2012 apud Cooper, 2004). Para Nefiodow (2017), o custo do transporte pode ser reduzido por um fator de 200.

Neste período, surge o conversor Bessemer (patenteado em 1856), que foi o primeiro processo industrial de baixo custo para produção em massa de aço a partir da fundição do ferro gusa. Com isso, em aço surgem construções, navios e armamentos. Com a economia crescendo, os trabalhadores industriais se tornaram o maior grupo ocupacional. Surgem com isso os primeiros sindicatos e as primeiras ideologias socialista, social democráticas e comunistas. Para limitar sua influência, os países altamente industrializados introduziram a primeira grande reforma com a criação da cobertura de seguro para problemas de saúde, acidentes de trabalho, invalidez e velhice (Nefiodow, 2017).

No pico do segundo ciclo de Kondratieff, quase um quarto da produção mundial era feita pelos Britânicos (Ibiden). Enquanto isso, nos EUA os imigrantes europeus buscavam trabalho na construção férrea, porque esperavam uma renda superior em relação a Europeia. Além disso, no oeste norte americano, área agricultável e ouro também atraíram os imigrantes que trouxeram conhecimentos da Inglaterra (Narkus, 2012).

A ferrovia reduziu os custos de transporte e aumentou o comércio. O barco movido a vapor em 1870 superou a locomotiva por ser mais rápido e mais barato. Com isso, canais de água foram construídos no interior e estimularam ainda mais a economia norte americana. Nesse período, oligopólios alemães, americanos e Japoneses foram criados e contribuíram para a criação de acordos anti-competitivos e geraram perdas aos consumidores (Ibiden).

Para Narkus (2012), a velocidade de produção industrial estava crescendo mais rapidamente do que a demanda que por sua vez começou a cair em 1870 gerando estoques nas indústrias. Empresários foram então forçados a cortar a produção e demitir os empregados até que uma nova revolução tecnológica

acontecesse (Ibidem). Assim, o segundo ciclo de Kondratieff estava chegando ao seu fim, já que todas as grandes cidades já estavam interligadas pela malha ferroviária (Nefiodow,2017).

3.3 Terceiro Ciclo: Eletricidade e engenharia pesada (1880-1930)

O terceiro ciclo de Kondratieff foi, pela primeira vez, desencadeado e baseado pela aplicação prática do conhecimento científico. A descoberta do princípio da eletrodinâmica por Werner von Siemens permitiu a conversão de energia mecânica em energia elétrica. Além disso, as descobertas sobre a composição da matéria através da física quântica fundaram a química moderna (Nefiodow, 2017).

As mudanças sociais neste ciclo são consideráveis. A luz elétrica permitiu o trabalho do comércio e da indústria em três turnos. Surge também a moderna vida noturna. A tecnologia da comunicação elétrica facilitou a troca de informação a nível global em segundos. Os motores elétricos substituíram a força dos músculos humanos nas plantas industriais, no comércio qualificado e casas domésticas (Nefiodow, 2017). A utilização de motores elétricos e esteiras aumentou significativamente a capacidade industrial, reduziu custos e aumentou a eficiência das empresas. Este ciclo é marcado pela produção em massa e mecanizada de carros, motores, motocicletas, tratores e aviões (Narkus, 2012).

Nesta época, a população passou a estudar mais e muitos mudaram de classe social. A teoria da relatividade e a mecânica quântica criaram uma nova consciência sobre espaço, tempo, matéria e verdade e aumentaram enormemente a reputação da química e da física. Segundo o filósofo Ortega y Gasset essa mudança pode ser chamada de Revolta das Massas (Nefiodow, 2017).

O uso de tratores e outras máquinas agrícolas facilitaram os trabalhos na agricultura. O uso de fertilizantes reduziu os riscos de escassez de alimentos no mundo gerando estímulo para o crescimento populacional sustentável (Tylecote, 1992, p.54 apud Narkus 2012).

A Europa se tornou a região que liderava as ciências, economia e tecnologia. No entanto, o poder europeu estava dirigido ao nacionalismo, militarismo, imperialismo e colonialismo. As rivalidades econômicas e políticas entre europeus cresceram e desencadearam a Primeira Guerra Mundial (Nefiodow, 2017).

A economia mundial enfrentou um colapso de 1929 a 1933, acontecimento que marca o fim do terceiro ciclo de Kondratieff (Ibidem). No terceiro ciclo, a Primeira Guerra Mundial de 1914 a 1918, requeria a mobilização de toda a economia europeia. Então, os preços aumentaram e os alimentos foram racionados. Não havia alimentos para todos e os tratamentos para fome estavam presentes (Narkus, 2012).

3.4 Quarto Ciclo: Produção em massa e Fordismo (1930-1980)

Para Nefiodow (2017), o quarto ciclo de Kondratieff começou logo após a crise econômica mundial e a tecnologia propulsora desse ciclo foi a indústria automotiva e o setor petroquímico. Muitas outras indústrias só cresceram após a segunda grande guerra.

Para Narkus (2012), como nenhuma das duas guerras mundiais foi guerrilhada nos EUA, aquele país se tornou a hegemonia mundial e ajudou a

reconstruir a Europa. O governo americano fez uma doação de 97 milhões de dólares para o mundo inteiro durante duas décadas após a segunda guerra mundial. Países como França, Alemanha, Reino Unido e Japão aumentaram o valor do dólar. Os EUA era rico em recursos naturais e tinha bons mercados (países afetados pela segunda grande guerra).

Após o pico do quarto ciclo de Kondratieff, as empresas americanas perderam competitividade para os empreendimentos Japoneses e Europeus. O governo norte americano então banuiu o setor publico de comprar energia e equipamentos de telecomunicação oriundos da União Européia. Com isso, o fluxo internacional de compras reduziu (Ibidem).

Para Nefiodow (2017), em 1979 a indústria petroquímica e a indústria automotiva unidas tinham criado um mercado global de mais de 2 trilhões de dólares americanos. O quarto ciclo de Kondratieff chegava ao seu final com a crise internacional do petróleo na década de 70. Para Narkus (2012), em 1974-1975 o expressivo aumento dos preços do petróleo e commodities forçou as industriais a reduzir os preços dos produtos materiais e consumo de energia. A fabricação de carros mais econômicos começou a surgir, juntamente com inovações em computação, linhas automáticas, micro-computadores e robôs.

Durante o quarto ciclo, houve o desenvolvimento de duas grandes potências mundiais: EUA e URSS. A Guerra Fria só terminou com o colapso da União Soviética em 1991. Novos mercados previamente governados pelos comunistas foram então abertos para a economia globalizada e iniciou assim o quinto ciclo de Kondratieff (Ibidem).

3.5 Quinto Ciclo: Telemática (1980-2030?)

Para Nefiodow (2017), esse ciclo se baseia em um conceito intangível: informação. Nenhum outro setor da economia durante a segunda metade do século XX se compara à dinâmica econômica da indústria da tecnologia da informação. Com um faturamento global de USD2.4 trilhões, a indústria da tecnologia da informação está entre os mais importantes pilares da economia global.

Para Narkus (2012), esse ciclo pode ser um pouco mais curto que os anteriores. Os proponentes da tecnologia argumentam que a revolução da tecnologia de informação é muito mais importante que qualquer outra transformação econômica. É calculado que pouco mais de 50 milhões de pessoas utilizavam o rádio em 38 anos após a sua invenção enquanto mais de 2 bilhões de pessoas estavam utilizando a internet em 2011.

Baseando-se nos resultados passados, o crescimento das economias parou com a crise financeira internacional e pelo colapso dos bancos norte americanos. A invenção que mais de destaca neste ciclo é o computador. O escopo das aplicações da referida máquina começa na área militar, atende à área científica e também ao público na rotina diária. A inteligência artificial já está em construção e os computadores começam a pensar como as pessoas e com conclusões lógicas. Além disso, grande progresso está acontecendo no campo das modificações genéticas. Essas inovações irão conduzir para o sexto ciclo de Kondratieff (Ibidem).

3.6 Sexto Ciclo (2030 - ?)

Para Nefiodow (2017), o término do quinto ciclo de Kondratieff marca o fim da liderança da indústria da tecnologia da informação no processo de crescimento e inovação econômica a nível mundial. Neste ciclo, existem quatro candidatos a propulsores tecnológicos. São eles: indústria da informação; proteção ambiental (incluem-se aqui as fontes de energia renovável); biotecnologia e indústria de cuidados a saúde.

O primeiro candidato é a indústria da informação. Neste ciclo, o foco não será em desenvolver melhores PCs, laptops, softwares de aplicação em business e redes de comunicação, mas será em um novo mercado que deverá ser desenvolvido superando as barreiras do crescimento (Ibidem).

O segundo candidato é a indústria do meio ambiente. Neste ciclo, o controle da qualidade do ar, o tratamento da água suja e a proteção da água, a conservação da vida selvagem, a proteção do solo, tratamento do lixo, proteções contra acústica e vibrações, eficiência energética ambientalmente correta, proteção a materiais radioativos e perigosos, serviços relacionados a compreensão ambiental, energia renovável (solar, eólica, biomassa, água, geotérmica, madeira, células de hidrogênio, utilização das marés no oceano, etc.).

O terceiro candidato é a biotecnologia. Neste ciclo, com a detecção antecipada das mutações genéticas, diagnósticos dos genes e teste genético preditivo será possível detectar doenças hereditárias antes que elas ocorram. Na área farmacêutica, muitos produtos não curam as causas das doenças e tem sérios efeitos colaterais. Com o desenvolvimento da biotecnologia, será possível a medicina personalizada, sem efeitos colaterais, onde a doença poderá ser prevista e prevenida antes mesmo de acontecer. A biotecnologia também presente na indústria alimentícia com a produção de aminoácidos, vitaminas, preservativos, novos grãos, plantas, etc. Na agricultura, com a expansão de vegetais resistentes a pesticidas, variedades de frutas e grãos, vacinas. Na geração de energia renovável com o desenvolvimento do biogás, da biomassa e do biodiesel. Nos sistemas de informação com os biochips, bioprocessadores, biocomputadores e bioinformática devido a interconectividade da tecnologia da informação com a biologia, psicologia e neurociência. A cura de algumas doenças como câncer, reumatismo, diabetes, hipertensão, esclerose múltipla, esquizofrenia, Alzheimer, Parkinson e aids poderão ser tratadas em nível biomolecular. Neste ciclo também poderá surgir a terapia regenerativa (Ibidem).

O quarto candidato é a indústria dos cuidados a saúde. Neste ciclo, crescerão os tratamentos “naturopáticos”, medicina alternativa e complementar, etc. (Ibidem)

Para Narkus (2012), a nanotecnologia será essencial nesse período. Para o autor, a tendência é o desenvolvimento da neurologia que viabilizará o transplante com a manutenção da memória disponível. Com isso, espera-se que a memória fique ativa por períodos mais extensos. Para o autor, espera-se também que as células sejam examinadas em nível nano-molecular. As tecnologias neuronais tem potencial para criar novos mercados assim como novas formas de organização social.

No entanto, existem algumas barreiras para serem superadas no sexto ciclo de Kondratieff. Para Neofiodow (2017), apropriando-se do segundo princípio da termodinâmica, a entropia, cada conversão de energia cria certo grau de desordem. Isso significa que o crescimento global do consumo de energia além de gerar

grandes níveis de poluição ambiental, poderá também aumentar desordem social mundial.

Utilizando os EUA como exemplo: um quinto dos homens norte americanos em idade produtiva é criminoso; 14% dos adultos é considerado doente mental; 50% dos casamentos terminam em divórcio; 25% dos estudantes sofre bulling; 280.000 estudantes em *high school* por mês são fisicamente atacados; um décimo dos adolescentes fumam *marijuana* regularmente; um terço dos cientistas mentem nas suas publicações; 0.1% dos mais ricos recebem mais dinheiro do que os 120 milhões mais pobres, etc. O crime se tornou um problema mundial. A lavagem da dinheiro aumentou vinte vezes de 1990 a 2014 e atingiu a cifra de três trilhões de dólares americanos. Os grandes bancos manipulam as taxas de juros por puro interesse no lucro. Milhões de pessoas trabalham para organizações criminosas e de forma ilegal. Em São Paulo, Rio de Janeiro, Moscou, Caracas, Calcutá, Johannesburgo, Dhâka e Cidade do México o crime na sua forma mais bruta deixou de ser raridade. Aproximadamente 70% das mulheres em todo o mundo já foram vitimas de violência física, psicológica ou sexual. Crescem os casos de manipulação nos eventos esportivos, doping, pirataria, crimes cibernéticos, etc. (Ibidem).

4 A ESTRUTURAÇÃO CONJUNTA DOS CICLOS DE ARRIGUI E DE KONDRATIEFF E SCHUMPETER

Busca-se aqui construir um modelo de análise que permita, com base nos dados históricos do referencial bibliográfico, visualizar ao longo de décadas quando acontece o processo de transição hegemônica e quando acontece o processo de transição de ciclo tecnológico de Kondratieff e Schumpeter.

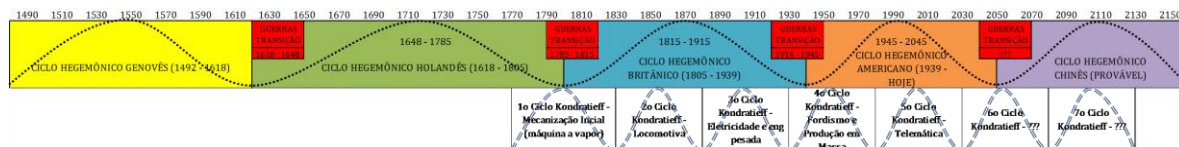


Figura 2: Ciclos Hegemônicos e Ciclos de Kondratieff ao longo da história

Fonte: o autor

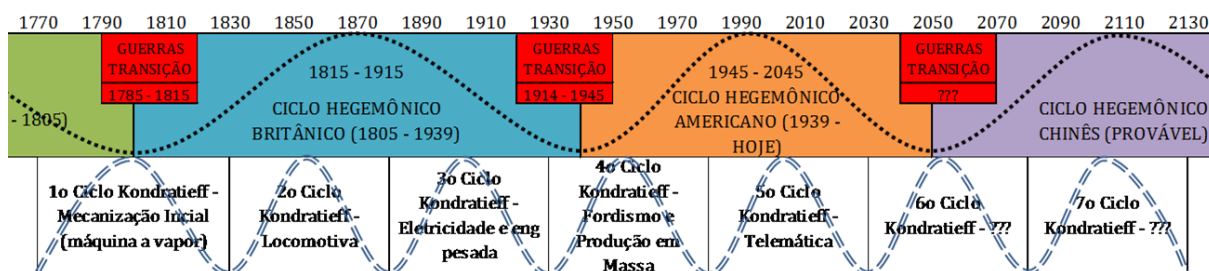


Figura 3: Ciclos Hegemônicos e Ciclos de Kondratieff desde o surgimento da máquina a vapor

Fonte: o autor

No passado, em períodos como a guerra dos trinta anos (1618-1648), guerras napoleônicas (1785-1815) e as duas guerras mundiais (1914-1945), o poderio econômico e militar foram ambos importantes (Arrigui et al 2001 apud Alves 2005). Neste modelo, sugere-se que as décadas futuras poderão ter dinâmicas de competição similares aos períodos passados, com conflitos entre nações hegemônicas e sistemas de alianças que giram em torno delas.

Sugere-se a China como próxima nação hegemônica por ter seu PIB consistentemente crescente a taxas próximas a 10%aa há muitos anos, conforme demonstrado pelos dados abaixo da OECD (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT).

China (People's Republic of)								
GDP - Annual Growth Rate (%)								
2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
9.4	10.6	9.5	7.9	7.8	7.3	6.9	6.7	..
2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
8.5	8.3	9.1	10.0	10.1	11.4	12.7	14.2	9.7
1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
9.3	14.2	13.9	13.0	11.0	9.9	9.2	7.8	7.7
1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
9.0	10.8	15.2	13.4	8.9	11.7	11.2	4.2	3.9
Data extracted on 12 Oct 2018 20:14 UTC (GMT) from OECD.Stat								

Figura 4: Taxa de crescimento do PIB Chinês

Fonte: ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT
<https://stats.oecd.org/index.aspx?queryid=60703#> acesso em 12/outubro/2018

- 2) Preservar o ambiente
- 3) Erradicar a pobreza e desenvolver o planeta

No nível tecnológico atual, só é possível a escolha de dois desses três objetivos. Se as economias mundiais optarem por controlar o tamanho da população e preservar o ambiente, jamais a pobreza será erradicada. Se for optado por não controlar o tamanho da população e erradicar a pobreza, não será possível preservar o meio ambiente. Por fim, se o objetivo preservar o meio ambiente e erradicar a pobreza e desenvolver o planeta, o tamanho da população deverá ser controlado e reduzido. Para o autor, os limites de recursos do planeta impõem uma difícil escolha para a sociedade mundial (Ibidem).

No sexto ciclo de Kondratieff, a escolha de dois desses três objetivos será ainda mais dramática. Com o desenvolvimento da ciência e o aumento da expectativa de vida, o tamanho da população aumentará e também envelhecerá. Com isso, em um primeiro momento, os sistemas de aposentadoria entrarão em crise e haverá uma separação entre aqueles que tem acesso a uma medicina de melhoria humana e quem não tem. Em um segundo momento, poderão acontecer políticas públicas e planos de saúde para distribuição em massa dessas tecnologias para melhorar a sociedade como um todo (Ibidem).

5.1 A Ascensão da China ao Próximo Ciclo Hegemônico

Baseado nos dados da OECD, a China é o país que mais cresce nas últimas décadas. No final do ano de 2014, o FMI oficialmente declarou que o PIB Chinês ultrapassou o PIB Norte Americano, considerando o poder de compra (Stakic; Zacic, 2016). Para Jankovic (2016), no período de 1978 a 2012, o PIB anual chinês cresceu a uma taxa próxima a 10%aa. No entanto, devido aos crescentes desequilíbrios e incertezas globais, especialmente após a crise financeira internacional de 2008, a média de crescimento anual do PIB chinês reduziu para em torno de 7%aa.

Para Dimitrijevic, Jokanovic (2016), atualmente a China enfrenta várias ameaças econômicas. A crise econômica global e os problemas sociais domésticos superaram o modelo econômico de crescimento focado na exportação e no investimento estrangeiro direto (*FDI – Federal Direct Investment*). Para conter essa queda, a China precisa encontrar novos mercados para exportação ou, ao menos, preservar os mercados existentes, bem como reduzir as diferenças de desenvolvimento entre as zonas costeiras (bem desenvolvidas) e o interior (em fase de desenvolvimento). Com isso, o governo e os líderes chineses apresentaram o conceito do chamado *The New Silk Road*, que é considerado o rejuvenescimento da nação chinesa.

Para Ghiasy, Zhou (2017), a iniciativa é provavelmente a mais ambiciosa política externa chinesa desde 1949. Para Dimitrijevic, Jokanovic (2016), o estratégico conceito do *The New Silk Road* não é nenhuma novidade. Essa ideia foi considerada nos anos 90 por Deng Xiaoping após a desintegração da URSS, porém somente em setembro de 2013 ela foi apresentada em visita oficial do Presidente Xi Jinping ao Turcomenistão, Uzbequistão, Cazaquistão e Quirguistão.

Para Ghiasy, Zhou (2017), em essência, as rotas das sedas pretendem atingir ao menos os seguintes objetivos: expandir e conectar uma rede de transporte e mercados; dispersar e ampliar a capacidade de produção da Eurásia; facilitar a circulação de bens, capital, energia, matérias prima e em certo ponto informação, pessoas e cultura. O plano envolve investimentos em infraestrutura rodoviária, ferroviária, portuária e aérea juntamente com instalações auxiliares como redes elétricas, gasodutos e cabos de fibra ótica para transmissão de dados em alta velocidade. As autoridades chinesas afirmam que a iniciativa pode envolver 65 países, 63% da população mundial e uma parcela indefinida do PIB mundial.

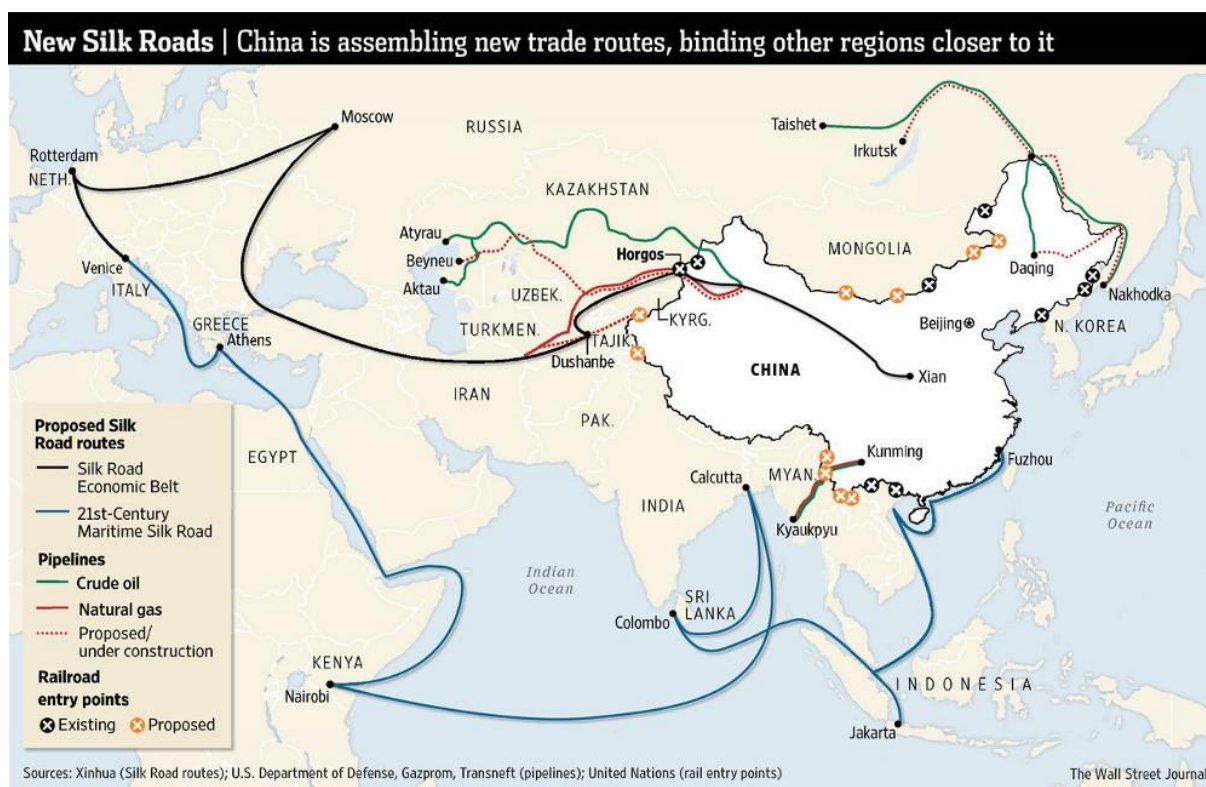


Figura 6: As Novas Rotas das Sedas (The New Silk Road)

Alguns autores acreditam que a China não está satisfeita com a ordem financeira mundial, especialmente em termos de seus esforços para reformar o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e o Banco de Desenvolvimento da Ásia. Neste contexto, eles acreditam que através do estabelecimento do AIIB (Banco de Investimento de Infraestrutura da Ásia) com a proposta de financiar a construção da infraestrutura e promover a interconectividade e integração regional, a China possa encontrar maior legitimidade nas relações internacionais facilitando assim acordos de cooperação bilateral e multilateral. Alguns autores também sugerem a utilização das reservas de dólares americanos ao invés da aquisição de títulos do tesouro americano (Hilpert, Wacker 2015, p.2 apud Dimitrijevic, Jokanovic 2016). Outros, com Ghiasy, Zhou (2017), complementam as sugestões acima e mencionam o NSFR (*New Silk Road Fund*), o CDB (*China Development Bank*), o EXIM (*Export and Import Bank of China*) e o SWF (*Sovereign Wealth Fund*).

A iniciativa não tem uma estrutura formal institucional. Ela é em grande parte doméstica, implementada pelas autoridades das províncias e dos municípios Chineses. De forma concreta, estão planejados seis corredores econômicos que se estendem da China através da Eurásia, alguns deles com rodovias. Na União Europeia, esses corredores terminam em Rotterdam, Hamburgo, Praga e Madrid (Ghiasi, Zhou, 2017). Para Dimitrijevic, Jokanovic (2016), outra possível rota começa em Xi'an (centro da China), passa pelo Cazaquistão, sudoeste do Irã, Síria e Turquia, depois passa por Bosphorus e entra na Europa pela Bulgária, Romênia, Republica Tcheca (Praga), Alemanha (Hamburgo), Países Baixos (Rotterdam) e Itália (Veneza).

De acordo com Ghiasi, Zhou (2017), quando o assunto é energia, 60% do óleo consumido pelos Chineses é fornecido pelo mercado externo (metade desse montante é oriundo do oriente médio e um quarto é oriundo na África). Além disso, cerca 30% do gás natural também é importado, sendo 50% desse montante fornecido pelo Turcomenistão. Cerca de 80% do fornecimento de energia atravessa o Estreito de Malaca que é controlado pelos Norte Americanos. Em um eventual conflito com os EUA, o acesso dos chineses a fonte de energia externa poderia ser interdito. Então, um dos objetivos da China é criar uma energia alternativa e canais para o transporte de matéria prima. As rotas das sedas surgem como uma alternativa para ser menos vulneráveis a uma interdição norte americana.

Além disso, Stanojevic (2016) destaca que o estabelecimento destas rotas comerciais fará, acima de tudo, a internacionalização do Renminbi (moeda Chinesa). Ele comenta que o Renmimbi subiu da 35ª posição como a moeda mais negociada no mundo em 2010 para 5ª posição no ano de 2014.

Para posicionar-se como nova hegemonia mundial, a China tem feito notáveis investimentos estratégicos em outros países. De acordo com os dados da *China Going Global Investment Index (2017)*, o investimento de capital chinês em outros países em 2016 foi superior a USD 200 bilhões. Isso representa apenas 10,9% do PIB daquele país. Comparativamente, em nações desenvolvidas como EUA, Japão e Alemanha, os investimentos diretos em outros países representam 28,9%; 27,6% e 57% do PIB respectivamente.

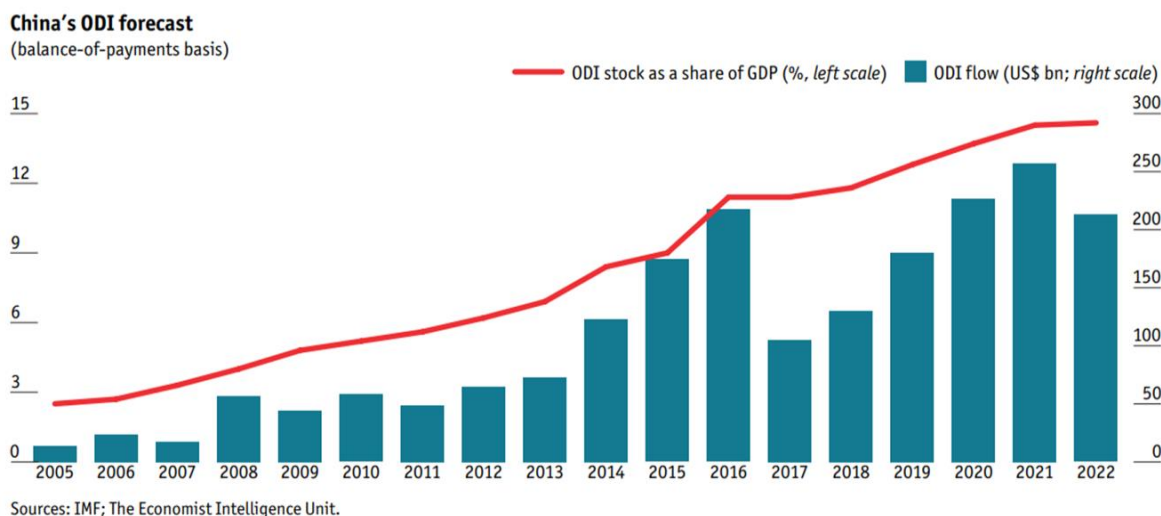
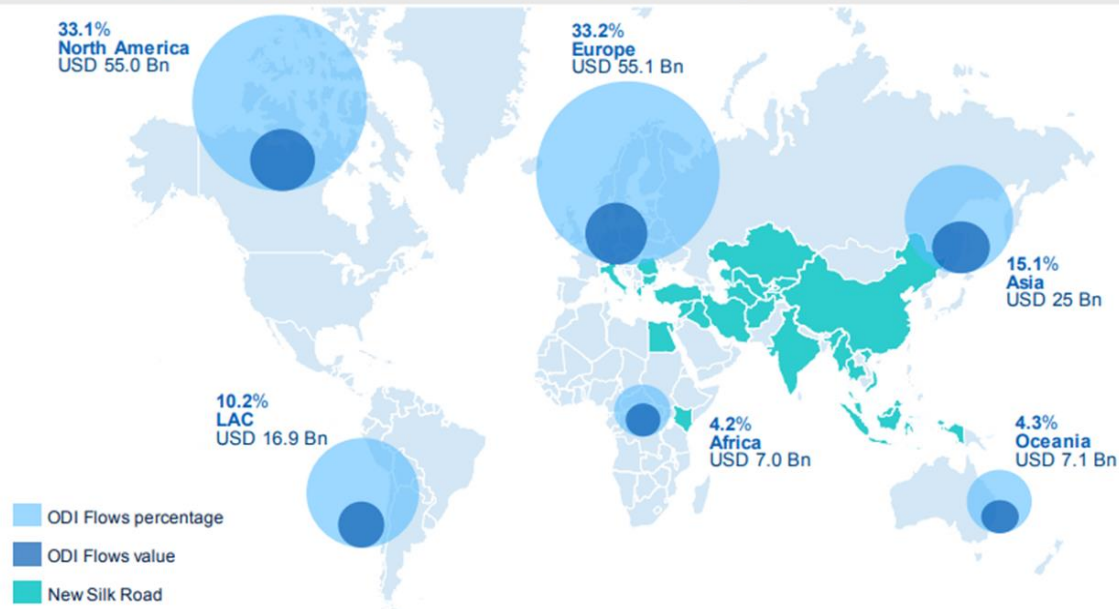


Figura 7: Fluxo de investimento chinês em outros países
Fonte: *China Going Global Investment Index (2017, p.23)*

Aproximadamente 60% do capital internacional chinês vai para Hong Kong e os paraísos fiscais do Caribe e só então são direcionados ao destino final. Por isso, é difícil ter dados acurados com relação à destinação efetiva dos recursos. Mesmo assim, apresenta-se abaixo os dados da *BBVA Research* de Xia e Huang (2018).

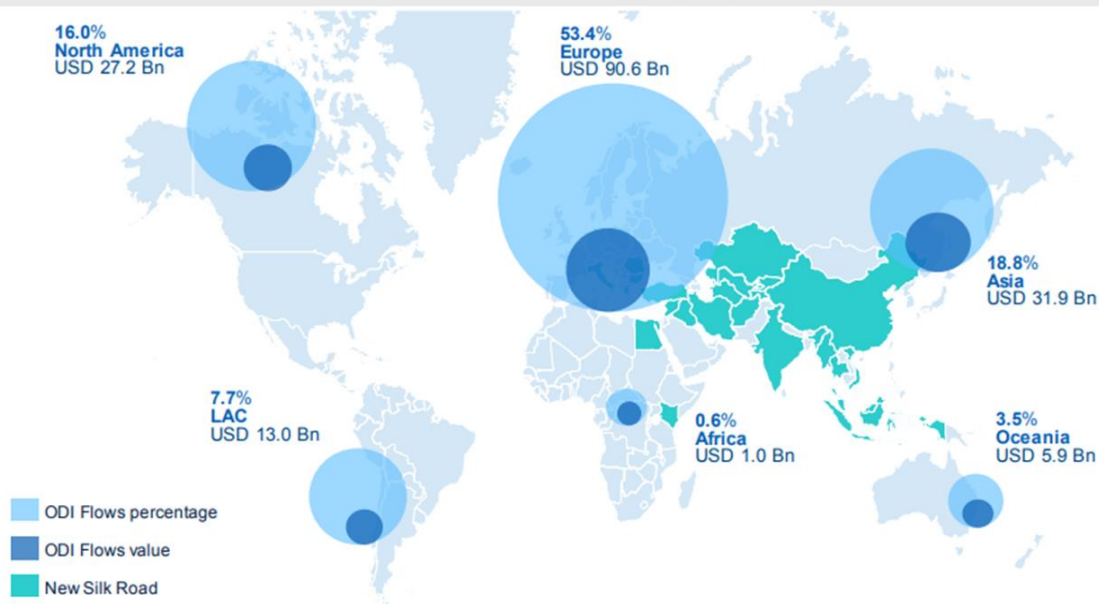
Figure 5a Distribution of Chinese ODI flows and stocks based on CGIT data (2016)



Source: China Global Investment Tracker and BBVA Research; Note: The bubbles are indicative and do not exactly represent the size of ODI flows and stocks

Figura 8: Distribuição dos investimentos chineses nos continentes em 2016
Fonte: *BBVA Research* (2018)

Figure 5b Distribution of Chinese ODI flows and stocks based on CGIT data (2017)

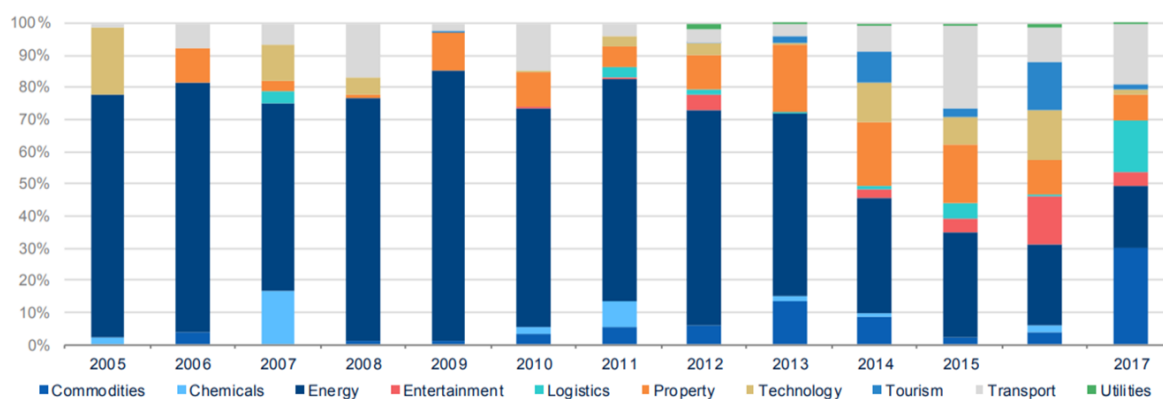


Source: China Global Investment Tracker and BBVA Research; Note: The bubbles are indicative and do not exactly represent the size of ODI flows and stocks

Figura 9: Distribuição dos investimentos chineses nos continentes em 2017
Fonte: *BBVA Research* (2018)

Segundo relatório de Xia e Huang (2018), a Europa representa a maior parcela do investimento (USD 75,5 bilhões) liderada por investimentos na agricultura (Suíça), óleo e gás (Rússia) e alternativas (Reino Unido e Grécia). Na América Latina, os investimentos se concentram na agricultura (Brasil) e água (Brasil e Perú).

Figure 6 China's ODI flow by industry and region (end of 2017)



Source: China Global Investment Tracker and BBVA Research

Figura 10: Investimento Direto Internacional com capital chinês por setor em 2017
 Fonte: BBVA Research (2018)

Por fim, segundo Stacic e Zakic (2016), para o progresso Chinês devem ser dadas mais prioridades a aspectos qualitativos do que quantitativos do crescimento econômico. Também deve-se mudar a posicionamento atual de fabricante global para uma atividade econômica mais sofisticada com um apelo ecológico do tipo “Going Green”. Além disso, a China deve dar à devida atenção as questões demográficas e de envelhecimento da população. Deve também promover atividades de pesquisa e desenvolvimento em paralelo com uma economia baseada em inovação. Adicionalmente, deve descentralizar e reduzir as desigualdades econômicas e sociais além de fortalecer os pequenos e médios empreendimentos versus grandes empresas estatais. Por fim, deve fazer algumas reformas no setor financeiro.

6 LIDERES CRIADORES DE EMPREENDIMENTOS DINÁSTICOS

Para Landes (2007), a palavra “dinastia” remete a algumas imagens exóticas e dramáticas que podem variar de sedosas linhagens de imperadores chineses até magnatas do petróleo e ocasionalmente personagens de seriados de televisão. Neste capítulo, procura-se descrever um pouco sobre a qualidade transcendental de alguns competidores e acumuladores de riqueza da história recente.

Na atividade bancária, o Baring foi o primeiro banco mercantil versátil que negociava commodities e emprestava dinheiro a outros comerciantes. Inicialmente, no final do século XV, adquiriram status de clérigos protestantes na cidade de Bremen. Depois, por meio de casamentos e heranças, tornaram-se sócios de uma fábrica de lã naquela região. Johann faleceu em 1748 deixando uma esposa, cinco filhos e uma herança de 40mil libras. A viúva administrou os negócios de lã da família até seu falecimento em 1766, quando deixou uma herança de 70mil libras. O filho Francis Baring, que residia em Londres, por sua vez, fez fortuna financiando a revolução francesa (1789-1799) e do Império (1804-1814). Ele emprestava dinheiro

ao governo britânico, que necessitava de recursos para custear as atividades militares e para o financiamento dos empréstimos e subsídios a seus aliados continentais. Além disso, quando a França se dispôs a vender uma grande quantidade de terra (Louisiana) aos Estados Unidos, como forma de converter a nova república numa adversária dos britânicos, o banco Barings financiou o negócio por ter excelente relacionamento com os Estados Unidos. Depois, com o fim das guerras napoleônicas, a França precisou indenizar os inimigos e as vítimas pelos prejuízos decorrentes das batalhas. Os Barings foram indicados para entrar com os recursos. O sr Francis Baring faleceu em 1810. Seus sucessores (Alexander Baring e Edward Baring) não souberam tirar proveito da época das ferrovias. Edward colocou toda história a beira da falência quando emprestou, em 1890, vultuosa quantia de recursos aos governos Argentino e a Russo. Com a crise, a empresa foi reestruturada e a administração antiga foi dispensada (Ibidem).

Enquanto a dinastia Baring se destacava na atividade bancária na Inglaterra, a dinastia Rothschilds fazia o mesmo no continente europeu. Inicialmente os Rothschilds viviam no *Judengasse*, um gueto judeu em *Frankfurt* criado em 1460 para separar “raça maldita” da cristã. O fundador desta Dinastia foi o sr. Mayer Amschel Rothschild, comerciante que negociava fios, tecidos e mercadorias de terras ultramarinas tropicais e semitropicais como especiarias, chás, cafés, chocolates. Os filhos, a medida que cresciam entravam no negócio, os cônjuges eram admitidos como funcionários, mas foi o terceiro filho, Nathan Meyer Rothschild, que partiu para a Inglaterra e fez a fortuna com algodão e custodiando fundos (inclusive títulos do governo inglês). Emprestou dinheiro ao governo para financiar a campanha peninsular de Wellington contra Napoleão. Depois, em Berlim, foi chamado pela monarquia Habsburgo para financiar a construção de ferrovias e a mineração e indústria pesada. Nathan faleceu em 1874. Seus descendentes foram atraídos por outros tipos de diversões e distrações empresariais, porém um núcleo pequeno de banqueiros subsiste consciente que não pode acompanhar os grandes bancos sob forma de sociedade por ações (Ibidem)

A dinastia Morgans remete a 1847 quando Junius Spencer herdou uma vultuosa quantia de recursos. Com a proclamação da Comuna de Paris em 1871, Junius comprou títulos com 25% de deságio na cotação. Em 1873, os franceses, quitaram os títulos pelo valor nominal e Junius lucrou cerca de 1,5milhão de libras em valores atuais. Em 1880, o banco Morgan financiava a construção de ferrovias nos EUA. Em 1892, fundou a General Electric. Em 1901, constituiu a US Steel, maior complexo siderúrgico do mundo na época. Com o falecimento de Junius, a família Morgans perdeu o interesse no negócio e abriu mão do poder. A dinastia passou pela fase autoritária, depois passou a atuar como financista internacional, na sequência foi uma sociedade mista e hoje o negócio é controlado por gestores (Ibidem).

A dinastia Ford remete ao princípio do século XIX. Os primeiros Ford vieram da Irlanda e chegaram nos EUA em 1832. Os avós de Henry Ford deixaram a Irlanda em 1847 e começaram a vida nos EUA adquirindo 32 hectares de terra próximo a Detroit com USD250,00 que conseguiram emprestado com os parentes que ali já residiam. O sr. William Ford, pai de Henry Ford, empregou-se como carpinteiro nas obras das ferrovias. Quando Henry Ford nasceu, em 1863, seu pai já era um próspero fazendeiro. Henry Ford não gostava da vida na fazenda. Por isso, começou a trabalhar aos 16 anos consertando relógios em Detroit, depois retornou a fazenda para trabalhar como mecânico e mais adiante foi mecânico na *Edison Illuminating Company*. Como *hobby*, era piloto de corridas e dirigia um veículo leve e

resistente fabricado para o seu próprio uso. Em 1899 criou sua própria empresa, em 1906 lançou o Ford N e em 1908 o Ford T. A linha de montagem desenvolvida para ter peças intercambiáveis e rotinização de tarefas simplificadas fez a Ford conquistar 50% do Market Share de automóveis no final da Primeira Guerra Mundial. No entanto o Ford T tinha algumas deficiências: era lento, barulhento, tinha poucas opções de cores (vermelho, verde, azul e preto) e possuía um acelerador manual. Nos anos 20, surge a GM, oferecendo muitas opções de cores e um automóvel mais rápido, silencioso e com arranque automático. Depois, a Chrysler ofereceu um automóvel com uma nova suspensão com baixíssima vibração e ruído. Nos anos 30, a GM e a Chrysler já haviam superado a Ford em vendas. Os filhos de Henry Ford, Henry II e Benson, não se interessaram pelo negócio. Por isso, administradores e burocratas estranhos à família transformaram a empresa no que ela é até hoje (Ibidem).

A dinastia Agnelli remete a 50km de Turim, na cidade Vilar Perosa, um local tranquilo a uma curta distância dos tribunais e da política. O patriarca fundador do clã moderno é Giovanni Agnelli, tenente de cavalaria que entrou no ramo automobilístico por uma fantasia: a construção de uma carruagem sem cavalos. Em 1898 associou-se ao Conde Bricherasio di Cacherano e fundaram uma empresa que posteriormente foi chamada de *Fabbrica Italiana de Automobili Torino (FIAT)*. Em 1908 foi acusado de manipular os preços das ações da empresa bem como fraudar o balanço financeiro e contábil de forma a prejudicar os outros investidores. Quando a Itália partiu para conquistas ao norte da África em 1911, a FIAT recebeu inúmeras encomendas de armas e ao final da guerra a empresa já tinha alcançado o terceiro lugar no país. Giovanni faleceu em 1945, teve um filho somente, e ele se interessou pela Juventus, outro empreendimento de Agnelli. De 1945 a 1966 a empresa foi administrada por Valetta que foi sucedido por Cesare Romiti. Gianni Agnelli, único dos sete netos de Giovanni, que se interessou pelo negócio da família comprou a Alfa Romeo em 1986 para evitar que a Ford chegasse a Itália como concorrente. A dinastia cresceu e o ramo automobilístico tornou-se apenas uma entre as várias mega empresas da família Agnelli (abrangem instalações turísticas e imobiliárias, seguros e bancos, vinhos franceses, revistas, papel, telecomunicações e a Juventus).

A dinastia Peugeot remete ao século XVIII quando Jean-Jacques Peugeot então casado com Suzanne Mettetal, proprietária de um moinho de farinha. Dois de seus filhos construíram uma fábrica que cobria a manufatura desde o algodão em rama até o fio acabado, incluindo os carretéis. O neto de Jean-Jacques, Jean-Pierre Peugeot II, transformou o moinho de farinha da família em uma fundição de aço e posteriormente deixou de vender o aço bruto e passou a comercializar serras, molas para relógios, etc. Por volta de 1885, a família se organizou para começar a produzir bicicletas. Em 1890, lançaram um quadriciclo. O primeiro veículo, o Peugeot 2001 foi um sucesso de vendas. Em 1933, vendiam os modelos 202 e seus derivados, versões menores do top de linha 402, projetado para burgueses modestos. Em dezembro de 1974 a Peugeot adquiriu 38,2% da Citroen e em 1976 surgiu o PSA Peugeot Citroen. Na sequência, em 1978, a Peugeot aceita pagar 230 milhões de dólares americanos pela Chrysler UK e Chrysler Espanha e mais 1,8 milhão de ações da PSA a ser criada. Com isso, 41% do novo grupo ficou nas mãos da família Peugeot, 15,5% nas mãos da Chrysler e 7% na Michelin. Os Peugeots retiveram o controle, mas o processo de produção foi parar nas mãos de administradores (Ibidem).

A dinastia Toyoda começa com Sakichi Toyoda, representante comercial da Mitsui, uma megacorporação Japonesa que fabricava teares mecânicos. A filha primogênita de Sakichi, se casara com Risaburo Kogama. Devido ao casamento, Risaburo adquire o nome Toyoda e torna-se o primogênito de Sakichi e primeiro herdeiro de sua fortuna. As guerras no início do século XX, incentivaram um mercado de tecidos baratos produzidos em massa. Em 1924, a Toyoda inventou o tear automático tipo G. Em 1929, vendeu as patentes para a *Platt Brothers & Company* e com os recursos criaram a *Toyota Motor Company*. Foi então que Sakishi desafiou seu outro filho, Kiichiro Toyoda, a fabricar um carro japonês com mão-de-obra japonesa. Em 1935, o Toyota modelo A1, foi o primeiro carro de passeio pela empresa. Os primeiros veículos apresentaram tantos problemas que a empresa quase fechou. A empresa foi salva na segunda guerra quando os militares passaram a comprar todos os caminhões disponíveis e depois, nos anos 50, pela guerra na Coreia quando os EUA encomendaram mais de 5mil caminhões. De 1955 a 1961 a produção cresceu dez vezes. Nesta época, estava a frente da empresa, sr. Akio Toyoda. Surgiram o *Kaizen*, *PDCA*, *pokayoke*, *GBL (Global Body Line)*, *CCC21* (programa de competitividade de custos no século XXI) entre outros. Em 1981, o filho de Kiichiro tornou-se presidente da Toyota Motor Sales e em 1983 surge a Toyota Motor Corporation (Ibidem).

A dinastia Rockefellers remete a 1836 no centro-oeste dos EUA onde iniciava a agricultura e o comércio. John D Rockefeller e sua sócia Maurice Clark compravam e vendiam carne, grãos e derivados por atacado. Naquela época a demanda por iluminação artificial era imensa e as velas virgens eram caras e inadequadas. Na década de 1850 na Universidade de Dartmouth um cidadão chamado George Bissell descobriu que o petróleo seria capaz de superar o querosene como fonte de iluminação. A dificuldade era o transporte desse produto. A história do petróleo é, em boa medida, uma história de transporte. No início foi transportado via ferrovia. O transporte por oleoduto é bastante recente.

Foi na década de 1870 que John D. fundou a Standard Oil junto ao amigo Henry Flagler. Na época, a empresa possuía quatro sítios de petróleo. Em 1870, detinham um negócio que crescia em transporte, refino e armazenagem de petróleo. John D aposentou-se na década de 1890 e em 1913 sua fortuna era de 1 bilhão de dólares da época. A indústria automobilística estava apenas começando e John D não tinha força física para acompanhar essa revolução. Aos 90 anos, Rockefeller viu sua fortuna encolher pela crise de 1929. Sua família aproveitou os recursos, vantagens e prestígio da família, saíram da empresa e partiram para outros caminhos (Ibidem).

A dinastia Guggenheims, remete a uma família de judeus que no século XVII viviam em uma cidade modesta chamada Guggenheim (Alemanha). Migraram para Suíça (primeiro registro é de 1696) quando a cidade alemã proibiu a residência de judeus. Simon Meyer Guggenheim teve 12 filhos sendo o filho Meyer seu maior líder. Meyer fez fortuna ao buscar minerais no solo, tais como cobre, chumbo, prata, etc e posteriormente na metalurgia. A família migrou para os EUA, e expandiu seus negócios primeiro no México e depois na montanha de Kennecott no Alasca. As dificuldades eram inúmeras: construir ferrovias passando por rios e geleiras, cortar árvores com ventos acima de 100km/h, encontrar carvão para as máquinas a vapor, etc. O banco Morgan financiou esse empreendimento e Jacob Schiff foi o terceiro sócio. Surge então o consórcio Alasca que extraiu em 1918 extraiu de Kennecott dez vezes mais cobre do que os russos haviam recebido pelo Alasca inteiro em 1867. Com esses recursos, os Guggenheims continuaram expandindo os negócios de

cobre, carvão, ferro, florestas não só no México e Alasca, mas também na Bolívia e Malásia para extrair estanho e no Congo e Angola para extrair diamantes. Com o tempo, as minas e os minerais subterrâneos perderam um pouco sua lucratividade e prestígio. A riqueza fulgurante da colheita brasileira de diamantes era imensa. Os Guggenheims detinham criação de cavalos e gado, gostavam de corrida e aeronáutica, tinham atividade madeireira e não pensaram seriamente no Guggenheims Brothers nos anos 60 e 70. Partiram para a filantropia, criaram fundações, museus em NYC, Berlim, Bilbao e Rio de Janeiro e programas de bolsas de estudo. Hoje os empreendimentos são geridos por administradores externos (Ibidem).

A dinastia Schlumberger remete a região de Alsácia em meados do século XIX. Um cidadão chamado Claus Schlumberger trabalhava inicialmente na área de curtume, depois passou a fabricar e vender tecidos de algodão e com o tempo os Schlumberger chegaram a fabricar equipamentos para manufaturar fios e tecidos. A família copiava das invenções britânicas primeiro para seu uso próprio, depois para vender à outras fábricas têxteis da região na França. No final do século XIX, Paul (filho de Jean Schlumberger) partiu da Alsácia para Paris com seus filhos. Após a Primeira Guerra, os irmãos Schlumberger descobriram cobre na Sérvia, ferro na França e em 1923 petróleo na Romênia. Com isso, a empresa Schlumberger Ltda se tornou internacional e foi contratada pela Shell. A crise de 1929 afetou a empresa, que se recuperou com a demanda crescente do transporte automotivo. A família resolveu então separar a propriedade da administração. Em 1965, Jean Riboud assumiu a liderança da empresa. Foi substituído em 1986 pelo Escocês Euan Baird. Enquanto isso, os Schlumberger diversificaram para bancos, plásticos, editoras, cinemas, transporte aéreo, etc. Hoje a sociedade por ações substituiu a empresa familiar e os Schlumberger venderam boa parte de forma a adquirir outros bens e buscar seus próprios interesses (Ibidem).

7 ESTILO DE VIDA DO LÍDER VENCEDOR

Para Meneghetti (2013), o líder não faz parte da média normal dos seres humanos, ele é superior. Quando é um empreendedor de valor, possui em si mesmo algo definido como “vocação ôntica”. Ele nasce já com a predisposição, com a atitude e depois, através da vida e da escola, aprende o ofício: “O líder não é o resultado de uma carreira, de anos, mas é uma predisposição de natureza que vem aperfeiçoada através da experiência” (Ivi, 2013, p.22).

Com isso, para acelerar esse aperfeiçoamento através da experiência, deve-se cuidar muito o estilo de vida privada do líder. Para Meneghetti (2003), o estilo de vida pode ser entendido como o modo de dar forma ao seu potencial. É a economia estética no uso de si mesmo. No fim, o máximo cuidado que o líder deve ter é com a sua interioridade exclusiva, única, irrepetível, porque ali está a sua fonte, o seu tesouro e caso perca isso, perdeu tudo (Ibidem).

No entanto, a vida do homem bem sucedido jamais foi escrita (MENEGETTI, 2004):

Os homens bem sucedidos nunca estiveram dentro de sistema algum. Com “homem bem sucedido” se entende uma pessoa que tem uma quase infinita tolerância por qualquer sistema, porque ele próprio sabe, por experiência, que todo sistema já é oclusão do proceder da vida e, portanto, sabe que todo o sistema é uma estrutura provisória

que serve a muitos que não saberiam como se autogerir (Ivi, 2004, p.85)

O autor destaca que o homem maduro e bem sucedido pode respeitar todos os sistemas, porém não acredita em nenhum deles, em nenhuma teoria, não porque os recuse, mas porque os relativiza no uso da situação, deixando como definitivo somente a si próprio. Em outros termos, trabalha dia após dia, progressivamente para ganhar a si mesmo (Ibidem).

Neste sentido, é necessária a consciência de uma preparação com cunho voltado à lógica ôntica, de forma que o potencial seja investido sempre em reforço próprio.

Para tal, no caso dos profissionais jovens, essa preparação deve basear-se em três pontos:

- Saber a si mesmo segundo seu projeto de natureza e não segundo a normotopia social;
- Capacidade de autonomia social e autonomia econômica;
- A utilização do método e instrumentos ontopsicológicos para orientar o exercício existencial e reconstruir uma consciência autêntica (ANDREOLA, M. T.; PETRY, A. M., 2011, p.78)

Já no caso dos empresários, essa preparação deve respeitar os seguintes princípios:

- Unidade de ação formal: o homem deve ser ação congruente ao projeto de si mesmo. A cada minuto deve-se construir e realizar a si mesmo;
- Relações em seleção temática: substancialmente deve-se construir e atualizar continuamente as próprias relações, sempre com base em uma seleção de ganho ao próprio interesse e a própria identidade de valor;
- Verificação interna dos próprios resultados individuais: cuidar da própria saúde, das próprias comodidades e necessidades” (MENEGETTI, 2009, p.19-28).

Não se trata de uma preparação puramente técnica. Trata-se de uma técnica de personalidade, entendida como *savoir-faire* que é a inteligência centrada na ação específica de serviço à empresa e em que a pessoa é fundamental e determinante (MENEGETTI, 2013, p.24).

Em Meneghetti (2016, p.197) também destaca-se que o líder não pode ter uma vida comum com amigos inferiores. Ele possui um empenho superior, tem uma responsabilidade da qual dependem centenas de pessoas. Um líder deve se preocupar com o ambiente em que vive: se fica muito tempo com os derrotados, inevitavelmente metaboliza isso também para si mesmo.

Para Meneghetti (2008), a empresa revela sempre a psicossomática ou a psicocapacidade do patrão e do responsável. Nesse cenário de transição hegemônica e de profunda mudança tecnológica, para ter protagonismo e sucesso, como deve se posicionar sabiamente o empresário líder?

Nos próximos ciclos, não será suficiente os conhecimentos de cultura geral e os conhecimentos específicos do setor de atuação. Sugere-se aos empresários o conhecimento ontopsicológico bem como das suas descobertas: o campo semântico, o monitor de deflexão e o Em Si ôntico.

Com o conhecimento ontopsicológico, um indivíduo, primeiramente, está em condições de compreender a totalidade da estrutura do

próprio inconsciente, que é a maior parte do próprio quântico de inteligência, de vida. Em segundo lugar, pode conhecer os impulsos, as dinâmicas e os determinismos que o sujeito inconscientemente opera nas pessoas e com as pessoas que estão no seu ambiente. Portanto, pode conhecer as atividades, os módulos quânticos que opera ou sofre de modo inconsciente (MENEGETTI, 2013, p.37).

No futuro próximo, a diferença fundamental entre uma pessoa e outra não será apenas a bagagem de conhecimentos e experiências que soube acumular, sistematizar e renovar, mas sobretudo o método com o qual saberá continuamente capitalizá-los em adaptação e evolução (Idem, 2013, p.29).

Sugere-se aos empresários a utilização da consultoria de autenticação para tornar o sujeito eficiente operador de controle da própria existência em todos os seus aspectos (Idem, 2016, p.59).

Diante da crise cíclica, para ser vencedor, o líder precisa recuperar a informação elementar da natureza e distingui-la da informação global da primeira sociedade que se estrutura dentro de cada indivíduo. Precisa portanto, conectar o que é conveniente para aquele indivíduo naquela situação, naquelas circunstâncias, naquele momento histórico, etc. Precisa escolher só o que é conforme e útil a própria identidade, aquilo que concretiza seu egoísmo vital, tornando-se de tal modo grande e vivendo na percepção daquilo que é o êxtase da vida (Idem, 2014).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, foi descrito que na história deste planeta existiram ciclos sistêmicos de acumulação, onde se evidenciam as rodadas de acumulação de capital sob a égide de uma hegemonia. Foi também descrito que as economias capitalistas são caracterizadas por sucessivos períodos de prosperidade e recessão econômica e se renova sempre através de uma impactante evolução tecnológica.

Chegou-se a conclusão que: **a)** o processo de transição hegemônica sempre acontece em meio a 30 anos de guerras; **b)** os ciclos de prosperidade econômica se renovam a cada 50 anos; **c)** o provável sucessor para a hegemonia Norte Americana será a República da China; **d)** a criação do Canal de Suez e o Canal do Panamá dificultaram o desenvolvimento do Hemisfério Sul nos últimos séculos; **e)** o tipo de relevo e a localização geográfica retardaram o desenvolvimento recente da América do Sul; **f)** a *forma mentis* do líder vencedor respeita todos os sistemas, porém considera em definitivo somente a si mesmo; **g)** o estilo de vida do líder vencedor nunca foi escrito; **h)** o conhecimento superior é sempre determinado pelo estilo de vida que deve respeitar a técnica ôntica.

Para trabalhos futuros, sugere-se que sejam aprofundados assuntos como engenharia 4.0 e biotecnologia no sexto ciclo de Kondratieff, seus impactos na economia e como atuar nesse cenário.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIANZ, Global Investors. **The sixth Kondratieff** – long waves of prosperity, Allianz Global Investors, Frankfurt, 2010.

ALVES, Paulo Vicente dos Santos. **Gestão pública como fonte de competitividade nacional**: Tese de doutorado - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2005.

ALVES, Paulo Vicente dos Santos. **Gestão Pública Contemporânea**. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2015

ANDREOLA, Maria Teresa; PETRY, Ana Maris. **Preditores de liderança no estilo de vida dos jovens na sociedade atual**. Revista Saber Humano, Recanto Maestro, n.1, p. 76-90, fev. 2011

ARRIGUI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo** - Rio de Janeiro: contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BOXER, Charles R. **O Império Marítimo Português**. São Paulo: Companhia das Letas, 2002.

BRAUDEL, Fernand. **A history of civilizations**. New York: Penguin Books, 1993.

China Going Global Investment Index 2017: a report by The Economist Intelligence Unit. Disponível em http://pages.eiu.com/rs/753-RIQ-438/images/ODI_in_China_2017_English.pdf acesso em 03.11.2018.

DIMITRIJEVIC, Dusko; JOKANOVIC, Nikola. **China's New Silk Road Development Strategy**. Institute of International Politics and Economics, Belgrade, Republic of Sérbia, vol. LXVII, no.1161, 2016.

EITERER, André Fialho. **Espaço e Ciclo Sistêmico de Acumulação: a dinâmica espacial do capitalismo histórico**. UFJF, Juiz de Fora, 2016.

GHIASY, Richard; ZHOU, Jiayi. **The Silk Road Economic Belt: considering security implications and EU – China cooperation prospects**. Stockholm International Peace Research Institute, Solna, Sweden, 2017.

HOLMES, Amy Austin; SCHMALZ, Stefan. **From Africa to Asia: The Intellectual Trajectory of Giovanni Arrighi**. Journal für Entwicklungspolitik, XXVII, I-2011, p. 4-13 Disponível em http://www.mattersburgerkreis.at/dl/tNLqJMjKMKJqx4KooJK/JEP-1-2011_01_AUSTIN-HOLMES_SCHMALZ_From-Africa-to-Asia-The-Intellectual-Trajectory-of-Giovanni-Arrighi.pdf acesso em 21.10.2018

JAMES, Lawrence. **The rise and fall of the British Empire**. New York: St. Martin's Press, 1996.

JANKOVIC, Aleksandar. **The New Silk Road: new growth engine**. Institute of International Politics and Economics, Belgrade, Republic of Sérbia, vol. LXVII, no.1161, 2016.

LANDES, David. **Dinastias: esplendores e infortúnios das grandes famílias empresárias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LOBATO, Luíza Cruz; AMIN, Mario Miguel. **Estado-nação e hegemonia no século XX sob a perspectiva da teoria dos ciclos hegemônicos de Arrighi**. Revista de geopolítica, vol.6, n.01, p.169-191, jan-jun 2015.

MARGER, N.H (1987). **The Kondratieff Waves**. New York: A division of Greenwood Press.

MENEGHETTI, Antônio. **Psicologia Empresarial**. São Paulo, FOIL, 2013.

MENEGHETTI, Antônio. **Sistema e Personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, Antônio. **O Critério Ético do Humano**. Porto Alegre: Ontopsicológica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, Antônio. **Filosofia Ontopsicológica**. Florianópolis: Ontopsicológica Editora, 2003.

MENEGHETTI, Antônio. **Psicologia do Líder**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antônio. **O Modo Maschio**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, Antônio. **Residence Ontopsicológico**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2016.

MENEGHETTI, Antônio. **Da Consciência ao Ser**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

NARKUS, Sarunas. **Analysis of long-cycles theory**: Masther thesis for the degree of Master of Philosophy in Environmental and Development Economics - Universitetet I Oslo, Oslo, 2012.

NEFIODOW, Leo; Nefiodow, Simone. **The Sixth Kondratieff: The New Long Wave in the Global Economy**. Sankt Augustin, Germany, 2017

PETRY, Ana. **Prospecto Histórico Científico do Acadêmico Prof. Antônio Meneghetti**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

RIBEIRO, Luiz Carlos de Santana. **Ciclos Sistêmicos de Acumulação Arrighianos e a Crise Econômica de 2008**: será o fim do ciclo norte-americano? Diálogo e Interação, UFBA, Salvador, v.02, 2009.

ROBOCK, Stefan H.; **Brazil: A study in development progress**. Lexington: Lexington books, 1975.

SOKHAKYAN, Ishkhan. **Economic crisis and Kondratiev theory**. Phd in Economics, 2015. Disponível em: http://www.noravank.am/eng/articles/detail.php?ELEMENT_ID=14367 acesso em: 10.junho.2018.

STANOJEVIC, Natasa. **The New Silk Road and Russian Interests in Central Asia.** Institute of International Politics and Economics, Belgrade, Republic of Sérbia, vol. LXVII, no.1161, 2016.

STAKIC, Nikola; ZAKIC, Katarina. **Challenges of Business and Financial Transformation of China in New Normal Economy.** Institute of International Politics and Economics, Belgrade, Republic of Sérbia, vol. LXVII, no.1161, 2016.

XIA, Le; HUANG, Betty. **China / ODI from the Middle Kingdom: what's the next after the big turnaround?** BBVA Research, 2018. Disponível em https://www.bbva.com/wp-content/uploads/2018/02/201802_ChinaWatch_China-Outward-Investment_EDI.pdf acesso em 03.11.2018